



práticas fotográficas
reflexões educativas
e ação cultural
em rede

Fotoativa no Tempo das Águas:

práticas fotográficas, reflexões educativas e ação cultural em rede

Associação Fotoativa:
Belém, Pará, 1 Edição, 2020



Fotoativa no Tempo das Águas é uma realização da Associação Fotoativa contemplado no edital de chamamento Público para seleção de projetos culturais de relevância social para o município de Belém - nº 004/2018 - através do programa Pacto pela paz, Prefeitura de Belém, FUMBEL.

Publicação digital

Tiragem livre

Projeto editorial
Flávia Cortez e José Viana

Conselho editorial
Anne Dias
Camila Fialho
Irene Almeida
Jorge Ramos
Miguel Chikaoka

Projeto gráfico
José Viana

Ilustrações
Dairi Paixão

Diálogos
Anne Dias
Dairi Paixão
Irene Almeida
Flávia Cortez
José Viana
Jorge Ramos
Joyce Nabiça
Luciana Medeiros
Miguel Chikaoka
Nathália Almeida
Raphael da Luz

Associação Fotoativa 2020

Diretoria
Camila Fialho - Presidência
Paula Vanessa - Diretoria administrativa
Claudio Ferreira - Diretoria financeira

Conselho Fiscal
Maria Christina
Jorge Ramos

Núcleo de Formação e Experimentação
Jorge Ramos
Anne Dias
José Viana
Irene Almeida

Núcleo de Pesquisa e Documentação
Irene Almeida
Camila Fialho
Raphael da Luz
Samir Dams

Núcleo de Comunicação e Difusão
Flávia Cortez
Manu Lopes
Nathália Cohen
Laura Castro



Ficha catalográfica

Você tem o direito de **Compartilhar** — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.

NãoComercial — Você não pode usar o material para fins comerciais.

SemDerivações — Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

Uma publicação virtual?

Esta publicação virtual foi a proposta apresentada pela Fotoativa para compensar a quarta etapa do projeto Fotoativa no Tempo das Águas, que seria realizado na Ilha do Combu, e foi inviabilizada devido à pandemia do Covid-19, a partir das recomendações de saúde.

Assim, a presente publicação propõe dar continuidade ao compartilhamento de conhecimento sobre práticas fotográficas, reflexões educativas e ações culturais em rede, a partir de uma linguagem leve e acessível como forma de apresentar um pouco da memória dessa experiência e também trazer parte do conteúdo trabalhado nas atividades. Integram-se conceitos, exercícios, dicas e proposições para guiar pessoas interessadas em conhecer e experimentar mais sobre os temas trabalhados no decorrer das páginas.

Diálogos reflexivos, memória e proposições

Esta publicação se divide em dois momentos, que integram a transcrição de diálogos realizados como parte da construção dessa publicação dialógica.

O primeiro é uma troca de experiência entre arteducadoras que conduziram a oficina de fotografia. Fazem parte Dairi Paixão, Irene Almeida, José Viana, Joyce Nabiça, Nathália Almeida e Nailana Thiely, com mediação de Anne Dias e Jorge Ramos.

O segundo momento parte dos resultados da oficina de Elaboração de Projetos Culturais, conduzidas por Camila Fialho e Luciana Medeiros, com mediação de Flávia Cortez.

Modo de usar #hashtags

A cada pequena etapa da publicação, uma página traz os [#principaistemas](#) em forma de links clicáveis. Dessa forma, é possível navegar pelos temas, clicando nas #hashtags, ou percorrendo o caminho linear página-a-página.

Publicação virtual tiragem ilimitada

A publicação é virtual e gratuita. Está licenciada com *Creative Commons*, onde você pode baixar e compartilhar à vontade, desde que não tenha fins comerciais.

Também é possível ter a sua versão impressa. Para isso, basta imprimir o documento PDF no formato A4, vertical, de preferência colorido, podendo ser preto&branco, com encadernação na cor de sua preferência.



#fotoativa

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Associação Fotoativa

É uma associação cultural sem fins lucrativos, de interesse público estadual e municipal, fundada em 2000.

Um corpo-coletivo em atuação na cidade de Belém do Pará desde 1984 que propõe a fotografia e a imagem como meio de promover e desenvolver ações coletivas de reflexão, formação-educação, experimentação e pesquisa da linguagem fotográfica e seus desdobramentos.



Pensamento ação reflexão

Com identidade dinâmica e pedagogia de participação, a Fotoativa tem por objetivo propor outra educação do olhar no aprendizado e no exercício da fotografia como ferramenta de promoção da cidadania, intervenção e mediação social e de intercâmbio de conhecimentos que incentivem o descobrimento pessoal, o respeito aos Direitos Humanos, ao meio ambiente e ao patrimônio cultural amazônico como elementos determinantes e essenciais para uma mudança social.



Ao longo de seus 36 anos, acumulou uma ampla experiência na coordenação de projetos de cunho cultural em comunidades continentais, rurais e insulares do Pará, aprimorando formas de gestão compartilhada dentre seus colaboradores, bem como gerindo fundos oriundos de diferentes instâncias.



#notempodaságuas

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Fotoativa no Tempo das Águas

O projeto foi elaborado a partir da proposta de compartilhar e ampliar a experiência da Fotoativa com a arte educação em regiões urbano-ribeirinhas, a partir de pesquisas sobre a relação entre fotografia e identidade, Amazônia, comunidade, autonomia e a relação da cidade de Belém com rio, temas do então Grupo de Trabalho GT Pinhole, de onde se elaborou a ideia desse projeto.

A partir dessas inquietações foram pensadas oficinas e mostras tendo como base dois eixos de experiência da Fotoativa: a oficina de fotografia artesanal pinhole, técnica que está no DNA da Fotoativa, como método para pensar a relação urbano-ribeirinha e questões de cidadania e identidade por meio do exercício do olhar, para o público de crianças e adolescentes; e a oficina de elaboração de projetos culturais, a partir do acúmulo de experiências da associação na área de elaboração e execução de projetos culturais, principal fonte de recursos para realização de atividades nesses 36 anos.



Este projeto se propôs alcançar quatro diferentes comunidades de ligação direta com o rio, que não são alcançadas diretamente pelas ações da Fotoativa realizadas em sua sede no bairro da Campina. No entanto, com o contexto de pandemia da Covid-19, o projeto se realizou apenas em três comunidades: Vila da Barca, Ilha de Cotijuba e Ilha de Caratateua, e esta publicação então tem a proposta de dar continuidade, como última etapa do projeto, compartilhando as experiências e os conteúdos trabalhados.

As localidades onde o projeto foi executado convivem diretamente com as águas, na cidade de Belém e região das ilhas, com toda a complexidade de contrastes socioambientais que envolvem seu cotidiano e os recursos hídricos. São áreas da periferia da capital, afetadas pelo crescimento demográfico e pela urbanização.

De um lado, o projeto contemplou crianças e adolescentes, sobretudo de escolas públicas das três localidades, que tiveram acesso a oficinas de formação para a cidadania e o desenvolvimento de identidades a partir de práticas artesanais de fotografia. De outro, foram adultos, com potencial multiplicador, professores, moradores, agentes culturais e comunitários, que tiveram acesso à formação em produção cultural de projetos em suas comunidades.

Parceiros em rede

As oficinas, vivências e trocas só foram possíveis de acontecer graças à parceria de organizações enraizadas em suas comunidades, das quais fortalecemos pontes de colaboração e articulação.



ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA DA BARCA – AMVB

A associação é uma organização comunitária que busca desenvolver ações em parceria para melhoria da qualidade de vida dos moradores da Comunidade da Vila da Barca.

Siga a AMVB facebook.com/ViladaBarcaOficial/



MOVIMENTO DAS MULHERES DAS ILHAS DE BELÉM – MMIB

O MMIB é uma associação local sem fins lucrativos, que atua desde 2001 nos temas de gênero e direito das mulheres, bem como nas questões ligadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento social da Ilha de Cotijuba e das ilhas do entorno (Jutuba, Paquetá, Ilha Nova e Urubuoca).

Acompanhe o MMIB no facebook.com/MMIBCotijuba



COLETIVO CASA PRETA

A Casa Preta atua principalmente nas periferias de Belém. Desenvolve diversas ações comunitárias no âmbito social, ambiental e cultural. É integrante da Rede Mocambos (<http://www.mocambos.org/>) como Núcleo de Formação Continuada.

Acompanhe a Casa Preta no facebook.com/ColetivoCasaPreta



#oficinadefotografia

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Oficina de Fotografia Artesanal

Ação de prática pinhole junto à comunidade local, no formato das ações realizadas pela Associação Fotoativa, utilizando tanto a prática da fotografia pinhole quanto experiências com câmeras obscuras como ferramentas para autoconhecimento, autoestima e desenvolvimento de identidades. Essa oficina foi executada a partir de 3 eixos, realizada em 4 dias, totalizando 16 horas:

Exercícios de Identidade e autoconhecimento: percepção do olhar e da luz através da câmera obscura, pincel de luz (compreensão da paisagem urbana/insular de cada comunidade).

Exercícios para Cidadania: construção das câmeras mini pinhole com material reciclado, levantando debate sobre as questões socioambientais (como recursos hídricos, saneamento básico) da comunidade.

Prática Pinhole/Vivência com Relatos de Experiência: compartilhar conhecimento, histórias de vida para potencializar capital criativo local e pensar formas de profissionalização por meio da arte.

na Vila da Barca

ministrantes: Irene Almeida e Nailana Thiely

articulação local: Inêz Medeiros

assistentes: Dairi Paixão, Jorge Ramos, Patrícia Costa

registro: Felipe Mendonça

na Ilha de Cotijuba

ministrantes: Dairi Paixão e Nathália Almeida

articulação local: Naíze

coordenação: Nathália Cohen

assistentes: Camila Fialho, Flávia Cortez, Raphael da Luz

registro: Manu Lopes e Laura Castro

na Ilha de Caratateua

ministrantes: José Viana e Joyce Nabiça

articulação local: Ana Cleide Oliveira e Di Preto

coordenação: Nathália Cohen

assistentes: Flávia Cortez, Raquel Gandra

registro: Manu Lopes e Laura Castro



#otempodechegada

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Dairi

E Irene, conta pra gente como foi chegar no ambiente? Já que a gente fez uma oficina de fotografia e o primeiro movimento foi o desenho?

Irene

A gente começou com o desenho pra quebrar um pouco essas barreiras. Pedimos que eles fizessem desenhos que tivessem relação com o lugar em que vivem. Indo pra escola, os vizinhos, a família deles. Eles começaram a trazer imagens desse lugar, e a gente foi descobrindo várias camadas. E foi muito lindo poder dividir isso com eles; eles nos contam através do desenho um pouco da história de cada um, de como eles vivem, de como eles percebem, de como eles vêem esse lugar que é do dia-a-dia deles, da brincadeira, da correria, da ida pra escola, do convívio com a mãe, com o tio, com o vizinho. Foi uma farra!

Irene

E a novidade de ter uma Oficina de Fotografia... Como que seria isso, né? A gente começou com o desenho, que não deixa de ser uma imagem, uma imagem que é escrita a partir do desenho, mas também da luz, e tudo está envolvendo a fotografia. Então a gente afirmou que essa primeira imagem foi uma fotografia feita a partir de uma percepção diferente.

Felipe**Anne**

Como pode ser o ponto de partida? O relaxamento, o conhecimento do próprio corpo. O “tempo de chegada” é importante. Cada participante vem de um lugar, com suas histórias, e apesar de ser um território compartilhado, cada um vive um ambiente familiar bem singular. Muitas vezes, as crianças trazem as dificuldades vivenciadas em casa, incluindo violações de direitos como a violência intrafamiliar por exemplo. Na experiência da chegada, no início da oficina, nós observamos a excitação que os corpos mostram, na hora em que chegam pessoas de fora, que vão trabalhar com arte, isso é sempre muito novo. Aí é interessante propor práticas corporais como o relaxamento, os jogos de integração, quando fazemos o convite pro corpo acalmar, pro corpo brincar, pro corpo desenhar, tudo isso se configura como um tempo de chegada que é bem interessante nesse trabalho com a fotografia.

José

em Caratateua, convidamos a Ana, que vive a dança, e o DiPreto que vive a percussão no dia a dia da Casa Preta, pra integrar com a gente o início e o fim das atividades, pensando nessa relação com a linguagem que habita o espaço que nos recebe; então a gente começava com um momento de corpo, alongamento e respiração conduzido pela Ana, e terminava com uma celebração de tambores e instrumentos percussivos com o DiPreto...

Dairi

em Cotijuba, no primeiro dia, o professor Murilo conseguiu o ônibus que busca as crianças pra deixar na escola, porque tem pontos bem afastados da ilha, então elas teriam que andar muito pra chegar lá na sede do MMIB; aí, no segundo dia da oficina aconteceu algum problema que o ônibus não pôde buscar.

Manu**Dairi**

já tinham algumas crianças daquela região iniciando a atividade, e quando a gente viu, começaram a chegar as outras crianças a pé, e elas vinham de longe, no sol quente; e isso foi muito emocionante, entender que o que a gente estava fazendo ali, estava tocando eles, que queriam continuar participando, e que de alguma forma iriam chegar pra continuar trocando, experimentando o que a gente estava propondo; essa foi uma experiência muito bonita.

Nath

e foi um momento de muita sensibilidade da Dairi, de ver eles chegando cansados, no sol quente, de não começar pelas atividades que a gente já tinha programado para aquela manhã, e sim propôr uma atividade de respiração, de como falaste Anne, do corpo, pra se sentir presente, pra voltar a relaxar, antes de começar qualquer coisa, ou gerar mais informações; então, é muito importante respeitar o tempo.

Anne

é, de perceber que a potência do encontro tá nessa relação com o tempo, o tempo de cada um, o tempo do coletivo, o tempo do lugar, o tempo das águas.



#desenho

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Irene

E pra quebrar um pouco esse gelo, e pra eles relaxarem, a Nailana propôs que cada um desenhasse uma flor e uma vela - pra gente fazer um exercício a partir desses desenhos - e que era pra cada criança se sentir mais leve, mais relaxada, mais descansada, pra fazer as atividades que viriam por depois. Então sopra a vela, a cheira a flor. E foi muito lindo! Isso foi acalmando eles, que entraram nessa brincadeira toda e isso foi uma forma incrível de irem relaxando. Soprando a vela e cheirando a flor. Esse foi um momento de relaxamento, de introdução da atividade, que eu não vou esquecer!

Manu



Dairi

Porque o desenho te traz para o presente, ele te afirma que tu estás no aqui e no agora, te concentra nesse ato de desenhar, de pensar, de memorizar, de lembrar; então ele vai ativando um caminho muito interessante pra gente chegar na fotografia; por exemplo, a memória - a proposta era desenhar o caminho da casa até onde estava acontecendo a oficina - e nesse caminho sempre tem uma planta, sempre tem a natureza, então essa percepção da criança está muito ligada à percepção da paisagem, da natureza, e como a criança está conectada ao seu contexto;

Irene

E todo esse trabalho com a fotografia, principalmente com a fotografia artesanal, dependendo de onde você está, com quem você está, vai ser diferente. Cada indivíduo está ali pra dividir um pouco da sua história a partir desse processo, e esse é o sentido, dividir conhecimento. A gente não chega colocando algo pronto, a gente constrói com eles, e eu acho que isso é o mais interessante, sugerindo, dividindo, aprendendo. Saber que o outro está aberto e está disposto a dividir e saber que a gente também vai estar ali aberto a ouvir, entender e seguir com o processo.

#PROPOSIÇÃO

Separe dois pedaços de papel, canetinhas ou giz de cera ou lápis de cor ou qualquer material que produza cores. > Em uma das folhas desenhe uma flor, e na outra desenhe uma vela. > Quando achar que os dois desenhos estão prontos, encontre um local confortável. Cheire a flor e depois assopre a vela, imagine ela se apagando; Cheire a flor. Que cheiro ela tem? De onde ela vem? > Assopre a vela. Imagine. Deixe o ar entrar e depois sair. Relaxe.

Julianny





Jorge

Me chamou a atenção, que a gente recebeu vários desenhos, e alguns com esses riscos sequenciais que a gente não entendeu num primeiro momento; mas depois as crianças foram contando pra gente, que esses riscos eram as tábuas das pontes; o desenho representa não só o que está ali, mas o que ele traz em suas camadas.

Anne

Camadas de memórias de uma Vila da Barca que por muito tempo foi estruturada em pontes de madeira; interessante pensar como a memória volta nessas experiências visuais.

Dairi

É, eles contam pra gente desse território também pelo desenho.

Geovanna



Tayná



Murilo





Jorge

Uma coisa que percebi de cara logo nos desenhos, é que na experiência de Caratateua, a presença dos barcos é evidente, mais do que nos outros locais.

José

Talvez porque a ideia partiu de uma proposta diferente; lá tinham crianças e adolescentes de outros lugares, que não só ali do bairro, então a gente não partiu do desenho pra pensar esse lugar que era comum de todos, mas na ideia do Tempo das Águas, pra pensar a dimensão da água enquanto matéria que atravessa as experiências.

Isaac



Joyce

E José, isso é muito doido, porque a gente está cercado de água, vive em uma cidade que é extremamente úmida e chove praticamente todo tempo, enfim, todas essas questões que a gente já sabe de água, água, água.

Joyce

E eu não sei se tu lembras, mas tinham dois ou três irmãos que moravam ali e nunca tinham ido na praia, tanto que quando a gente conversou com eles a respeito dessa relação com a água, com o rio, com os igarapés, até mesmo com a chuva - a primeira coisa que vem na nossa cabeça é instigar sobre a praia, a orla, acesso que supostamente seria mais fácil - aí ele me disse "mas professora, eu nunca fui pra praia"; é quando tu começa a revirar completamente teu discurso; a questão da água não é só literalmente o lugar da praia, então eles começam a pensar em outras coisas, a conversar, a desenhar, e se eu não me engano eram aqueles irmãos que queriam muito o banho naquele chuveiro do quintal.

José

Sim, e tinha uma piscina ali, que ficava chamando atenção a todo instante.

Joyce

A gente chega com um discurso todo bonitinho e preparado, aí eles vem de voadeira na cara da gente - te sai que não é nada disso.

José

uma outra dimensão que a gente tentou instigar foi essa relação com a palavra; ou coisas da conversa que estava rolando, vamos então exercitar um pouco a escrita, e perceber a dimensão da palavra.



Rosi Ester



Ana Clara

A MINHA GATA
ESTAVA
CORRETO
ATRAS DE
UMA BORBOLETA

Joyce

E na atividade com a Ana, de alongamento e movimento, todo mundo esticando o corpo, e o que eu percebi, que ela focou bem nesse movimento da água, nessas questões todas, e isso influenciou bastante tanto nos desenhos como na escrita.

FOI uma
tarde maravilhosa
com minha
Vó Maria

Anne

Percebi que alguns desenhos trazem aquela referência do mar, da água azul; então, também acho que é válido o convite para olhar as águas escuras dos rios; o convite ao reconhecimento de que paisagem é essa que a gente vive, que a gente habita, essa ideia de pertencimento que desloca um pouco do que já está institucionalizado; como por exemplo, as águas azuis que não falam de uma experiência daqui; com o desenho pode-se propor provocações e convidar a perceber as características próprias desse lugar.

DIA 1 - Era uma terça feira, estávamos prontos.

8hs - ninguém havia chegado

8:30hs - 2 meninos chegam. Isaac e Artur. Arikson, pai de Artur e tio de Isaac, é professor na Escola Bosque. Enquanto esperamos as outras crianças, Arikson compartilha conosco um pouco sobre as dificuldades de manter um projeto social e de cidadania vivo, autônomo e atuante. A continuidade está constantemente sendo ameaçada.

9hs - Formamos uma roda e fizemos um processo de relaxamento, coordenado pela dona do espaço. Decidimos nos dividir em grupos pra bater nas portas das casas vizinhas pra convidar as crianças e os adolescentes pra participarem de nossa oficina.

À medida que mais gente foi chegando, José e Joyce começam a dar as explicações iniciais.

Algumas das crianças que juntaram-se a nós foram Daniel, Gabriela, Kaio, Moisés, Lucas, Sté, Kayla e Ana.

A primeira atividade foi desenhar algo que refletisse a relação deles com água. As crianças ficavam sempre bastante entretidas e animadas com todas as atividades práticas.

Depois, Joyce começou a explicar sobre os sentidos primários da fotografia de modo bastante didático, apoiada por um linguajar técnico e direto. Nada disso assustou ou desestimulou os jovens oficinairos, que mantiveram os olhos grandes e questionadores e os espíritos interessados e atentos, provando que, muitas vezes, os adultos subestimam a capacidade de compreensão das crianças.

Uma pequena pausa foi feita para todos lancharem. As crianças comeram sanduíches, frutas e tomaram sucos e refrigerante.

relato escrito por Raquel Gandra, parte I
da experiência em Caratateua, na Casa Preta



#vizinhança

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

José

a nossa atividade aconteceu no início do ano, em Janeiro, não tinham escolas funcionando, as crianças estavam de férias, e de certa forma, a turma foi se construindo ao longo da atividade; foi desafiante, mas também abriu uma dimensão muito interessante;

Manu



José

além de mim e da Joyce, que conduzíamos a atividade, a equipe que tava junto - Nathalia, Flavia, Manu, Laura e Raquel - no início da manhã, saíamos pela vizinhança convidando crianças, e esse momento era de muito aprendizado; estar ali, caminhar, encontrar as famílias, era um momento de interação, de troca e de muitas descobertas.

Joyce

e conversando com as pessoas, volta sempre aquela questão “sim, mas é uma aula de fotografia? vão dar uma câmera pra gente?” eles pensam logo isso, ou se não eles dizem “eu não tenho celular que tire foto bacana” aí até a gente explicar “olha, tu vais construir a tua câmera, vais tirar a foto com a câmera que tu vais construir, tu vais revelar dentro do laboratório”; até chegar literalmente na parte do processo que eles estão vendo a imagem surgir dentro da bacia com o químico, é toda essa conversa, instigando a curiosidade.

Joyce

De férias, queriam estar livres, leves e soltos, mas foi um desafio legal porque a gente conseguiu manter aqueles que começaram e o resultado foi muito bacana; depois alguns até se identificaram mais com o laboratório, principalmente os maiores, queriam estar sempre ali, já não queriam mais sair pra fazer a foto; e é todo um jogo de cintura pra fazer com que eles participem de todo o processo; é a construção do olhar, é importante fazê-los entender que todos esses pedacinhos do processo são válidos.

Laura



José

E pra além da imagem como resultado, são experiências, cada pequena prática dessa são experiências que a gente vivencia junto;

Irene

Eu lembro de três irmãs, e da mais velha, ela tinha uma responsabilidade grande ! Tão pequena mas já responsável por cuidar das irmãs menores;

Anne

É uma realidade muito comum, que boa parte das crianças vive; a criança não pode ficar sozinha, a mãe não conta com um companheiro, ou a sua rede de suporte afetivo e social é muito frágil; é interessante como que a arte pode dar visibilidade para essas questões sociais que são tão importantes de serem vistas pelo poder público, pelas políticas públicas.

**Anne**

Quem são as famílias? quais são as configurações familiares? e não estou falando de família nuclear - pai, mãe e filho, não é isso - mas de uma rede de suporte familiar que seja fortalecida, que possa garantir o direito das crianças; a gente percebe as fragilidades, as situações de vulnerabilidade social quando a criança chega sozinha, quando os pais não podem participar das atividades, quando a gente vê que as crianças cuidam de outras crianças; então através dessas experiências artísticas, é possível entender um pouco de algumas realidades socioeconômicas que são vividas pelos participantes.

Irene

A gente tinha sim a participação - o pai ia deixar, a mãe tava trabalhando - apesar de não estarem juntos, mas existia essa parceria do cuidado; mas também tinha a presença dessa irmã mais velha, que era uma criança, e que trazia pra si durante a atividade, o cuidado das irmãs menores.

Nath

E nesse sentido do cuidado, eu lembro por exemplo do Nemias, que era um dos menores do grupo. Os outros participantes também estavam preocupados com ele, iam com ele fazer a pinhole, ele aparecia nos desenhos, ele foi fotografado pela câmera da doidice dos outros. A presença dele acabou sendo um processo bem integrador.



#percepção

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Nath

Pra mim tiveram várias surpresas, por exemplo, eu fui esperando que eles se interessassem pelo laboratório, que gerasse uma curiosidade, mas tiveram outros momentos de muito envolvimento, como quando a gente foi decorar a câmera obscura e a câmera da doidice, que eles gostaram muito !

Anne

Câmera da doidice? fale mais sobre isso...

Nath

(risos) A câmera da doidice é inspirada em uma atividade da Paula Sampaio, caríssima. A câmera é feita a partir de um pedaço retangular de cartolina, onde eles fazem um furo, por onde podem ver, e personalizam a câmera do jeito que quiserem.

Laura



Nath

Com a câmera eles saem pra fazer imagens, com o pedaço de papel, e depois voltam pra reproduzir desenhando. Eles ficam totalmente livres pra construir no papel a imagem que quiserem, a partir dessa experiência. A gente dizia vocês podem fotografar som, vocês podem fotografar a memória, e eles pensavam "mas o que que elas estão falando?". Mas teve uma adesão, teve uma receptividade.

Manu



Anne

É legal esse convite pro imaginário, pro fantástico, e também pensar quando esse imaginário, esse fantástico, repousa e dialoga com realidades. A criança brincando, inventando, ela se apropria desse lugar, desses lugares que ela vive. Então, eu posso dar volume pra imagem, "tem cheiro? tem volume? tem texturas?", é muito bacana isso, a imagem é algo que tem vários atravessamentos sensoriais, táteis, visuais, auditivos, a gente pensa sempre no visual, mas também é tátil, é gustativo...

Laura



Nath

E além da inspiração da Paula Sampaio e das práticas do Miguel Chikaoka, a fotografia não tem a ver somente com o dispositivo, mas tem muito a ver com a percepção, com seu lugar no mundo, com seu olhar, com suas trocas, é muito mais sobre isso, do que sobre a técnica ou sobre o dispositivo. Então, era isso que a gente queria propor; e também, foi um momento que me mostrou o quanto que é importante o brincar, as trocas incríveis que surgiram daí foram meus momentos preferidos.

Dairi

E com essa câmera da doidice, a gente também fez a dança do olho, que era um momento de eles ficarem brincando e vendo o outro através dessa câmera, feita de papelão, que tinha um furinho; então, ver o outro, encontrar o olhar do outro, perceber esse outro.

Dairi

E foi muito divertido, porque a gente reunia, respirava, desenhava e depois fazia atividades que moviam mais energia de andar, de vender os olhos, de dançar, depois voltava e desenhava, e fazia a caixa, ou fazia a pinhole, e a gente também ia movimentando essa energia do grupo junto com eles, e se divertindo junto né, eu também brinquei e ri com eles, foi muito gostosa essa experiência.

Jorge

Eu queria que vocês comentassem um pouco desse exercício que vocês propuseram. É interessante que vocês estão falando de uma oficina que é ligada à fotografia, a luz, as imagens, mas tem um exercício que é às cegas.

Nath

É uma outra prática que é muito do Miguel, trabalhar de olhos vendados, pra exercitar outras percepções, os sons da ilha, os sons da água, os sons das árvores, da natureza que afloram muito com os olhos vendados; porque acaba saindo do que é padrão.

Dairi

Em Cotijuba era em dupla, ou em trio, então vendava os olhos de um e o outro ia fazendo sons pra guiar essa pessoa, e como a gente tinha um espaço, era bem legal. Só que eram muitos né, então eram muitos sons e a pessoa tinha que se concentrar pra saber qual era o som da sua dupla, pra não ir pro outro lado, pra não tropeçar.

Joyce

Quando a gente propôs essa atividade em Caratateua, logo veio “ah professora, mas como é que eu vou andar sem estar enxergando, só pela mão do outro, eu tenho que confiar no outro?”. “Sim, vai ter que confiar no teu colega, tem que acreditar que ele não vai deixar tu cair na vala, não vai deixar tu bater numa porta, enfim, te machucar, vai só na questão mesmo do sentir”. Eu sempre digo que lá na frente vai ser preciso esse sentir.

José



Joyce

E eu não dizia que quando eles fossem fotografar, também não estariam vendo o que estava sendo feito, pelo menos pela câmera, o que estava sendo fotografado. Então, digo pra eles, faz a atividade, te joga mesmo, te deixa participar, porque ali na frente vai ter um processo que é muito importante a partir dessa experiência aqui, de se deixar sentir, de perceber o espaço, mesmo que tu não estejas vendo esse espaço.

José

E não pode ser arbitrário, é preciso ser construído. Por um lado a pessoa de olhos vendados precisa criar a confiança no colega, na sua dupla. E pra isso a colega que conduz tem estar ciente da sua responsabilidade perante o outro. É uma via de mão dupla, eu preciso confiar, mas também preciso saber que sou responsável pela outra pessoa.

José

E essa outra dimensão de se relacionar com o espaço por meio desses sentidos que muitas vezes passam despercebidos. Como reconhecer essa rua de outra forma, saber como é a textura dessas plantas, o tato desse lugar, os sons mais sutis. Enfim, são jogos que propõem uma experiência mais sensorial daquele lugar cotidiano o qual estamos habituados.

Joyce

Tem o som, os obstáculos, e até mesmo a questão da incidência solar na própria pele. Quando eu to passando numa sombra, ou, agora eu to passando num descampado em que o sol está direto em mim...

Anne

Trabalhando todas as sensibilidades, inclusive a cinestésica, na relação do corpo no espaço.



#câmeraobscura

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetos culturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Irene

A gente começa na construção da câmera obscura (que foi outra farra né); pra eles se concentrarem, a gente tentou fazer através do silêncio (que às vezes não dava); fazer com que eles construíssem suas câmeras apenas observando os gestos, com atenção, fazendo as dobraduras; e foi incrível, com ela pronta, quando eles viram, “isso é uma câmera?” - bora ver como isso acontece? foi uma grande farra! Crianças ficando de ponta à cabeça pra ver se a imagem voltava ao normal “como é que isso acontece? essa coisa da imagem estar inversa?” e eles mostravam pra todo mundo ver !

Dairi

E o quanto que eles não acreditavam que era uma câmera, que a gente estava fazendo uma câmera; “como assim? o que é esse papel, esse papelão?” E o quanto que eles vão duvidando, mas vão descobrindo nessa experiência o que é essa câmera obscura.

Irene

E algo feito por eles, né... das dobraduras, das dificuldades que cada um tem no seu tempo, dessa coisa do colega do lado ajudar, o fazer junto...; A câmera obscura é um processo que faz com que haja uma união e um cuidado de quem está do lado, de fazer e fazer legal.

José**José****Jorge**

Eu gosto muito desse processo de descoberta que a Dairi estava se referindo, de muitas dúvidas que aos poucos, de um processo de dobraduras, começam a perceber que é uma caixa, até que começam a ver a imagem se formando de cabeça pra baixo, então todo esse processo de descoberta é realmente muito rico!

Anne

Olhando as casas, olhando a rua onde moram, olhando os amigos, os familiares. Então, o que é olhar? Olhar atentamente, estranhar a imagem que está invertendo, que de certa forma vira um convite a estranhar o mundo que se está habituado a ver. Eu vivo aqui e o que falta conhecer sobre esse lugar? Tem relato que crianças contam sobre a casa, o lugar onde brincam, ou mesmo a falta de espaço pra brincar. Tudo isso acaba aparecendo nessa experiência, e eu acho isso muito bacana.

Anne

Irene, eu queria que tu falasses um pouco mais sobre a câmera obscura, essa prática que a gente vem utilizando nas oficinas de fotografia.

Irene

Bem, a câmera obscura é uma forma de você entender como é que uma imagem se forma; então a gente pode construir uma câmera em vários lugares, sendo que esse lugar precisa estar completamente vedado de luz - seja uma caixa ou um quarto. A partir desse espaço escuro, fazemos um furo pra que a luz entre e seja projetada na parede ou na face que está do outro lado do furo.

Irene

Então, a imagem se forma a partir dessa luz que entra; quando a gente diz que a criança ficava de ponta a cabeça para que a imagem estivesse 'normal', é porque a luz na verdade entra reta em linhas paralelas, que formam um X, então tudo que está pra baixo se projeta pra cima, e tudo que está pra cima se projeta pra baixo; a imagem naturalmente se inverte ao ser projetada nessa câmera; é como o nosso olho, mas a gente tem um dispositivo que faz com que a gente veja o mundo de forma 'correta'.

José



Anne

Uma experiência muito curiosa, muito rica, a também chamada 'Caixa Mágica', as crianças se encantam!

Felipe



Irene

Esse encantamento, pelo menos pra mim, quando eu tive essa primeira experiência não só da câmera escura, mas como o processo do fazer fotográfico dentro de uma câmera, foi mágico pra mim ! caramba ! que é a mesma reação que toda criança tem, todo o adulto tem, dessa surpresa, uma imagem ! como é que ela se forma? então é luz... partindo da luz que se forma a imagem, a luz que entra nesse ambiente, que traz algo de fora pra dentro...



#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Dairi

Então, queria agradecer muito ao professor Murilo, que é um dos professores lá da escola de Cotijuba, que trouxe a turma dele, conseguiu negociar com a escola. E o primeiro momento foi esse susto ! Chega um ônibus e descem 56 crianças no primeiro dia, e a ideia era essa, brincar, respeitar a infância, respeitar a criança, quando a gente brinca com elas.

Dairi

E a gente focou na atividade pós-câmera. Eles curtiram muito o momento de pintar a câmera, de brincar com ela, de inventar com ela. São várias surpresas que a gente vai tendo a partir de uma simples indicação do que fazer, do encaminhamento da atividade, eles criam mil possibilidades.

Nath

Como a Irene tava falando, claro que a gente pensa no que vai propor, mas algumas coisas se adaptam ao tempo deles, à resposta deles, ao que desperta o interesse.

Laura**Manu****Dairi**

É interessante pensar como guiar essa proposta onde todos abraçam? Onde cada um na sua diferença, cada um na sua faixa etária, vai construir a sua própria experiência. E, por mais que as instrutoras fossem a Nathália e eu, todo mundo que estava junto também era instrutor. Como o nosso grupo era grande, a gente dividia em grupos menores, pra que tivesse pelo menos uma pessoa com experiência nas práticas de fotografia, pra ajudar caso existissem dúvidas entre as crianças e adolescentes.

Dairi

Então por exemplo, o Rapha que estava na produção, quando a gente fez a atividade da pinhole, ele entrou para fazer os pincéis de luz com o grupo, enquanto eu e a Nath fazíamos pinhole com outro grupo. Então, todo mundo participa e integra o processo, o conhecimento está sendo partilhado por todos que estão participando daquela experiência.

Anne

Tem uma imagem que vi outro dia, de uma criança olhando pro Raphael com tanto carinho, com tanta admiração; ele que não mora lá em Cotijuba, chega e constrói nesse tempo curto uma relação afetiva, de partilha alegre e bonita.

Dairi

O Rapha ganhava açaí, ganhava fruta das crianças, todo dia alguém levava alguma coisa pra ele.

Laura**Anne**

Sim, e super importante essa presença do articulador que a Dairi trouxe, no caso de Cotijuba o professor Murilo, importantíssimo ele estar ali, ser um articulador local, e mais que isso, ser uma referência afetiva para as crianças. Ajuda muito pra quem está conduzindo a atividade ter alguém que conhece as crianças, que tem um diálogo mais antigo.

Anne

É importante pontuar isso, que o trabalho não é de quem chega e traz um conhecimento vertical, mas de alguém que está trocando, construindo uma teia, um emaranhado, um rizoma com as crianças, com os educadores, com os adultos da comunidade.

Joyce

Isso me faz pensar na importância de dividir o conhecimento. E a gente não leva em consideração só o que é o conhecimento formal, o conhecimento de escola, é conhecimento de mundo mesmo, conhecimento de vida, acho que isso é muito válido, e eu sempre fico muito besta com eles (risos).

Laura

“A Fotografia é a Escrita da Luz”

esse foi o mote de nossa segunda atividade do dia.

Nela, distribuímos pequenos pedaços quadrados de papel fotográfico velado pra que os participantes pudessem desenhar neles usando pinceis finos que eram mergulhados em pequenos recipientes contendo químico revelador.

Poucos segundos depois de desenharem, podiam testemunhar a magia dos traços escurecidos surgindo diante de seus olhos, quase como numa repetição tardia, alguns segundos depois de seus movimentos pré estabelecidos. A relação de atenção com os químicos foi frisada pelos adultos envolvidas na atividade e a responsabilidade de cuidar pra que ninguém acabasse encostando neles se tornou compartilhada por todos. Mesmo as crianças tomavam conta umas das outras, alertando umas as outras, quando necessário.

A segunda parte deste exercício ofereceu a oportunidade das crianças e adolescentes entenderem um pouco mais do resto do processo de revelação da imagem fotográfica, pois logo após o primeiro momento da revelação, as ajudantes da oficina iam com as crianças lavar os pedaços de papel para retirar o excesso de química e, em seguida, mergulhavam os papéis em líquido fixador, realizando a contagem de 2 minutos antes de uma segunda lavagem.

Os mais novos eram mais comunicativos e rapidamente estavam interagindo com todos. Os adolescentes ficavam mais tímidos e calados, conversando mais com aqueles de sua idade. A intensidade da criatividade e da imaginação das crianças era presente e visível em suas criações.

Na hora da despedida, alguns pais vieram buscar seus filhos e os outros foram acompanhados pelas ajudantes até suas casas.

relato escrito por Raquel Gandra, parte II
da experiência em Caratateua, na Casa Preta



#pinceldeluz

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

José

Como a gente teve uma experiência que foi crescendo, integrando novas pessoas a cada dia, conduzimos a sequência desenho, câmera obscura, pincel de luz, laboratório e pinhole, de forma paralela em tempos diferentes. A Joyce estava mais à frente do laboratório e da pinhole, e eu fiquei cuidando dessa parte do desenho e pincel de luz, que depois foi assumida pela Flávia, Laura e Manu. Então a prática do pincel de luz foi acontecendo durante os dias e a gente pode aprofundar.

Anne

incluindo outros materiais como as canetas coloridas, variações possíveis, experimentações diversas sobre o mesmo recurso...

José

Sim, em Caratateua, experimentamos usar as canetinhas coloridas e pastéis trazendo cores no papel fotográfico, que tem uma materialidade diferente, muito interessante plasticamente. Quando a cor entra, ela entra em camadas, tendo um resultado bem bonito, acho que aí temos um caminho bem legal pra experimentar e pensar, nessa potência das cores, de como elas podem se relacionar no espaço.

**Anne**

E de que forma entra o pincel de luz nas oficinas de fotografia?

Isaac**Joyce**

O pincel de luz é mais um recurso pra gente utilizar junto do processo de construção da imagem. É uma ferramenta com os componentes da fotografia que vem em seguida, um momento pra conhecer o papel fotográfico, os químicos de revelação e fixação que vão passar por processos semelhantes no laboratório. A diferença que você está manipulando os elementos na luz, não precisa estar isolado no laboratório todo escuro para resolver as questões. E tem uma coisa muito importante que é a forma da imagem imediata, na tua frente, os químicos reagindo com o papel, reagindo a partir da luz.

Anne

E por que esse nome, pincel de luz?

Joyce

Acho que o Miguel que batizou com esse nome, por essa questão do desenhar com o químico que reage no papel com a presença da luz, formando a imagem. O nome acaba remetendo também aquele outro processo que a gente faz em um ambiente escuro com uma lanterna desenhando no espaço, o lightpainting.

Manu



José

Também me fascina certa leveza que o pincel de luz oferece pra quem não tem a abertura suficiente pra lidar com o desenho e com a pintura, ele é um ótimo convite à se relacionar ludicamente com a folha em branco por meio do traço, do gesto, sem perder a beleza, e também o orgulho que cresce em quem faz, junto com a imagem que surge, resultado da experiência de se lançar na brincadeira.

José

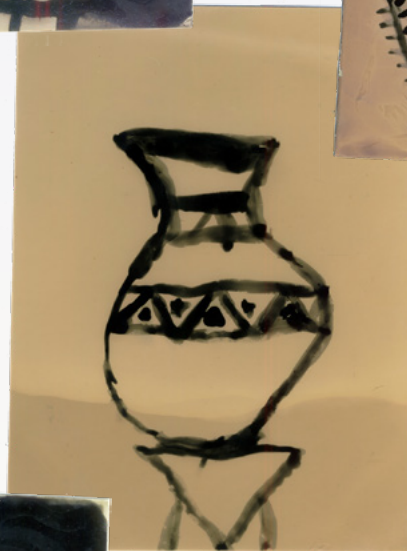
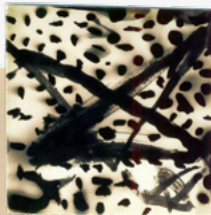
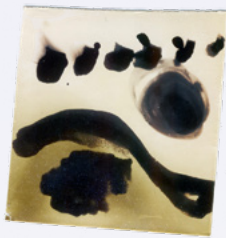
Nesse processo, a imagem não surge com o traço, não vemos de imediato o que estamos desenhando, é preciso de um tempo pro químico reagir à luz. Então, tem uma demora, tu desenhavas no invisível e a imagem pouco a pouco se forma. E ao longo de uma atividade de pincel de luz, começam a surgir pequenas coletâneas, dependendo da proposição que se faça, surgem inúmeros símbolos de uma comunidade, de um lugar, de uma dada questão. E essas imagens podem continuar sendo trabalhadas em outros suportes.

José



Anne

É muito mágico! Essa ideia de que o desenho surge como uma representação mental e se materializa no tempo nessa relação com a luz; e é um mistério, porque o que vai de fato surgir, pode ter a ver com essa imagem mental, como ela pode ter outras nuances não imaginadas inicialmente.





#identidade

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Anne

A Nathália fala dessa atividade do pincel de luz como uma experiência de auto representação e de memória. Até vendo os desenhos, as imagens que foram mostradas são retratos também, são autorretratos, ou retratos de alguém, então o quanto isso tá na memória, de uma experiência mental que tem também a ver com o social, uma experiência de representação;

Josielen



Joyce

Em muitas das nossas falas, em momentos, a gente conversou com eles sobre “quem eu sou aqui dentro desse espaço? o que estou fazendo? o que estou buscando? esse que é o meu lugar, que lugar é esse?”, e pra eles ali, o primeiro momento dessa representação é o retrato né; então acabam fazendo o desenho deles, ou do colega.

Anne

Joyce, falas de proposições, né? Ou podemos chamar de provocações, que são interessantes no processo educativo, em uma relação onde surgem perguntas, muito mais do que uma transmissão do conhecimento! É um processo educativo que parte de uma pergunta, e não de uma resposta.

Laura

A minha lembrança é muito sonora, eu lembro muito do barulho do pé batendo no chão de terra; da gente caminhando pra ir na casa das pessoas chamar elas... do som das crianças correndo, também, o som do tambor do DiPreto, dele tocando... do cheiro do café que tinha de manhã e no final da tarde, do cheiro do químico na sala de revelação; me lembro também do olhar das crianças desconfiadas, e também dos olhares delas muito curiosas com tudo.

Manu



Laura

E a minha lembrança mais forte, foi a fala do DiPreto, no dia de encerramento, que ele perguntou quem ali se considerava negro, e eu acho que uma ou duas crianças levantaram a mão; aí, ele falou que a maioria ali era negro, quase todos, e falou várias coisas que me tocaram bastante, e eu percebi que foi uma imersão além de fotográfica e de curso, foi bem além disso, e eu acho que isso foi além pras crianças também.



#pinhole

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Joyce

E instigar provocações, inclusive nas práticas com a pinhole. "É isso que tu queres mesmo? O que tu estás buscando? O que tu queres fotografar? Estás satisfeito com o que estás fazendo?". Aí eles respondem, "ah professora, por que a minha não tá saindo? A minha tá muito clara, a minha tá muito escura, olha a dela!". Então a gente vai mais adiante propondo, "mas tu queres isso aqui? Tu não estás satisfeito? Tu podes ir atrás disso aqui também". Penso que as coisas não estão fechadas, sempre são caminhos para buscas.

Edlen



Felipe



Joyce

E também a persistência, né? Eu lembro da imagem da Flor, da Kayla, eu até postei na época como *a flor da persistência*. Ela era uma das participantes que estava desde o início, passou a semana toda tentando fotografar essa rosa. E ela queria mesmo, entrava no laboratório, via que a imagem não tinha acontecido, tentava resolver de outra maneira, chegou um momento que percebi que ela estava cansada. Aí eu disse "não queres tentar fotografar outra coisa? tentar ir mais ali, fazer isso, fazer aquilo?" aí ela disse "não, não, professora, eu quero fotografar a flor"; então tá, vamos conseguir essa flor!

Kayla



Joyce

Aí foi, até que no último dia ela conseguiu fazer a imagem da flor. E toda vez que ela vinha, eu ficava muito atenta no olhar, no rosto dela dentro do laboratório, e quando ela conseguiu essa foto foi aquela explosão de sensações, dela olhando a foto surgindo na bandeja. Ela ficou assim... quando ela viu a foto surgindo, ela queria meter a mão na bandeja, que ela queria mostrar pra todo mundo que o negócio tinha dado certo. Muito bacana, muito legal saber que eles tem a certeza que eles podem.

José

E eu lembro dela trazendo essa flor nos primeiros dias... Fica pra mim essa relação com os elementos ao nosso redor, a relação com as coisas que nos tocam nesse mundo.

Joyce

Eu sempre digo que a Pinhole é a certeza da incerteza, tu estás jurando que vai sair uma coisa, está todo metido e confiante, “eu vou fazer isso e aquilo”, e sai uma outra história, e muitas vezes é até difícil explicar aquilo. É esse o gosto interessante da pinhole, tu teres conhecimento da técnica, ter ideia de que pode acontecer o que estás planejando a certo tempo, mas também existe uma possibilidade muito grande de isso não acontecer.

Joyce

Antes eu me cobrava muito, eu ficava arrasada de não chegar em um resultado, e hoje eu consigo entender que esse resultado é interessante também, é um resultado de todo o processo. Aquilo ali resultou de tudo que veio antes.

Felipe



Dairi

E o quanto eles pegam muito rápido as indicações técnicas da pinhole, porque é muito natural eles perceberem a luz, perceberem o espaço, eles definirem o que querem registrar, é super incrível esse trabalho da pinhole com as crianças, e essa necessidade de eles se registrarem, de eles deixarem essa marca, esse registro da foto deles com os amigos, sempre tem esse momento, de juntar um grupo e chamar a gente pra contar o tempo com eles, enquanto estão juntos se registrando;

Irene

E eles começam a entender o processo, que se abrir, colocar determinado tempo, vai queimar ou velar o papel, aí não vai ter imagem nenhuma.

Felipe



Irene

Outra coisa foi que a gente começou a trabalhar com um laboratório que era móvel; eles não iriam estar dentro de um espaço, era um laboratório que era uma caixa pequena, que apenas usariam as mãos e o tato pra revelar, interromper e fixar a imagem, pra depois lavar; não era algo que iriam ver, apenas fariam pelo tato e pela imaginação do espaço interior.

Jorge

O que era muito interessante, eles não estavam vendo, mas queriam colocar as luvas pra imaginar com as mãos e manipular dentro da caixa pra entender como é que aquele quadradinho branco entrava ali e saía com uma imagem.

Irene

E essa coisa do contar né, é um tempo que pra uma criança super ativa é longo. Então, “vamo lá contar? 1...2....3...”, assim contava o tempo que cada banho recebia pra formar essa imagem. E eles eram responsáveis por contar esse tempo, o que gerou uma experiência bem interessante e diferente, até pra nós que estamos acostumados a entrar no laboratório e ter essa percepção de um espaço formado com a luz vermelha.

Felipe**Nath**

Essa experiência me fez pensar muito no potencial da pinhole, o potencial em reverberar o valor do que a gente toma como ordinário, como a própria luz e trabalhar com criança e pinhole o potencial se expande bastante.

Felipe**Dairi**

Acaba sendo uma caixa mágica também né; num primeiro momento uma caixa que você via a imagem se formar de cabeça pra baixo, depois outra caixa que saía um quadradinho com uma imagem; a experiência com eles foi muito nessa magia com as caixas.

Edlen**Irene**

É mágico, é isso mesmo, é mágico! São essas várias caixas que a Dairi fala, eles passaram por várias caixas e saíram dessas caixas diferentes, e essa é a grande intenção do nosso processo.

Edlen



Dairi

Em Cotijuba, a gente conseguiu fazer um dia inteiro só de pinhole. Inspiradas na Jornada Pinhole Day da Fotoativa, organizamos os quatro dias de oficina pra que um dia fosse só da Jornada, pra que eles pudessem praticar o quanto quisessem com a pinhole.

Dairi

A gente queria muito que eles revelassem, que cada um tivesse a experiência do laboratório, entrasse e visse todo o processo de revelação. Então a gente ia sentindo como organizar o grupo pra ficar fluido, já que era um grupo muito grande e o laboratório pede um tempo diferente, de espera, de cada banho, pra cada revelação acontecer, então a gente foi criando umas estratégias pra dividir o grupo.

Dairi

Por exemplo, o grupo do professor Murilo ia no campinho, mais uns cinco minutos pra chegar, fazer a foto, enquanto que o grupo que estava com a gente no espaço do MMIB, revelava. Criamos estratégias pra fruição, eram vários exercícios que nos obrigavam a reinventar esse momento da prática e esse cuidado de ter sempre um adulto pra ajudar principalmente os menores com os desafios da técnica, para não perder pra técnica, pq criatividade e percepção eles já tinham de sobra.

Laura



Edlen



José

Lá na Casa Preta tem uma super biblioteca que ficava na frente do laboratório que a gente montou, então dialogando com estratégias pra conduzir o tempo do laboratório que não pode ser acelerado - por mais rápido, existe um rito a ser seguido - a biblioteca foi esse lugar de estar pras crianças, meio que automaticamente. E lembro da Raquel, que acompanhou alguns dias da atividade, lendo estórias com um pequeno grupo de crianças, em dinâmicas paralelas de cuidado.



#pertencimento

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Nath

As atividades propostas foram sempre com o intuito de trabalhar processos de pertença, de territorialidade, de pensar o valor de morar, as relações com as pessoas, com o próprio espaço. Buscamos sempre incentivar a reflexão sobre o que chamava a atenção deles, sobre as redes de afeto, sobre memórias, sempre a partir de elementos do cotidiano. Um convite a olhar ao redor e perceber o que é que esses elementos representavam, como o próprio rio que é algo presente na nossa realidade.

Daniel**Dairi**

Eu senti que era tudo muito natural, a gente estava o tempo todo impressionada, achando tudo muito incrível, morando na beira do rio, tendo essa relação com a natureza, de um lugar tranquilo, e pra eles era algo muito natural, “a gente mora aqui, a gente anda, a gente vive, a gente toma banho de rio todo dia depois que sai da escola”.

Kaylane**Nath**

Esse esforço de olhar ao redor, de observar, era pra mim o mais importante. Então, foi sempre uma relação horizontal, uma relação participante, a gente tinha uma média de cinquenta crianças e adolescentes com uma faixa etária muito variada, e todos colaboraram, todos interagiram, estavam participando mesmo.

Dairi

Era muito como a gente queria trazer esse lugar do território, através da conversa, do desenho, das próprias imagens com a pinhole, como isso nos chamava muito atenção, sendo pessoas que vêm de outro lugar e o quanto pra eles era algo assim muito tranquilo.

Ana

Irene

Sim, e a gente pergunta - qual o lugar que vocês mais gostam de ir? Eles nos levam pra fotografar esse lugar que pra eles é o lugar mais legal de brincar e é realmente muito bacana. Pra criança, só tem que ter cuidado, né. Mas, eles moram num lugar muito incrível.

Isaac**Laura****Dairi**

E é legal que quando eles levaram a gente, eles iam explicando “melhor ir por aqui, bem ali mora o fulano”. Então, eles se interessam em mostrar o lugar deles, quando a gente se permite estar nesse espaço, trocando, conversando, eles também querem nos mostrar esse território onde eles vivem, então a gente aprende muito com eles nesse momento.

Danielli**Irene**

E eles cuidam da gente né Dairi, é muito lindo isso, esse cuidado que eles têm. A gente cuida levando um pouco da nossa experiência pra eles, e eles cuidam da gente, mostrando o lugar, mostram com carinho, “aqui é onde eu brinco, é onde eu gosto de estar!”.



#laboratório

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Jorge

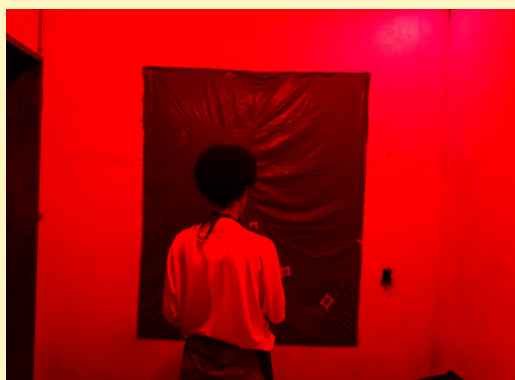
A Dairi e a Nath falavam do laboratório, então lembrei que quando a gente vai montar em um lugar que a gente não conhece - tem que ser um espaço vedado de luz - então a gente conversa muito sobre isso. Eu estive na montagem com o Raphael, em Cotijuba, e era interessante como vinham as pessoas e diziam "olha, tá, você vai pendurar esse tecido aí, tem que tapar aqui, porque daqui vai vazar luz, no meio da tarde vai vir o sol daqui". E eu ficava pensando, que legal, essas relações são lindas, vão sempre por uma troca.

Anne

Sobre essa chegada, no início eu falava do tempo da chegada no campo mais afetivo, ou das questões do corpo, mas também tem essa chegada que está relacionada às articulações com as pessoas do lugar, elas participam ativamente do processo porque vivem no território, sem elas nada seria possível!

Anne

E tem também essa chegada da equipe de produção, e o Jorge foi a pessoa que assumiu essa função. Toda uma trabalhadora que dá pra montar o laboratório, gostaria que tu falasses um pouco desse momento que é chegar, compreender como que é o lugar, qual o espaço mais viável pra montar o laboratório, como barrar a entrada de luz. Enfim, isso faz parte do trabalho, e eu acho que é bacana a gente partilhar isso.

Laura**Jorge**

Então, eu, Raphael e Miguel, a gente veio conversando esses dias sobre práticas de montagem do laboratório, de como essa coisa se dá. E o que o Miguel traz que é muito interessante, é pensar o laboratório como esse espaço de experiência, um espaço que faz parte do processo pedagógico como um todo, faz parte do processo de formação da oficina.

Jorge

Pra montar o laboratório, é a mesma implicação técnica do que é a câmera obscura; bom, tem a luz vermelha que é um outro ponto, que a gente precisa falar, o laboratório também é parte de uma experiência de formação. Então, é muito interessante, porque a gente ia lá mas não tinha um momento de pré-produção só pra construir o laboratório, fazia parte também, as pessoas estavam ali, parte das crianças estava ali, parte dos adultos principalmente estava ali acompanhando, que a gente tava subindo em árvore, subindo em telhado.

José

Lá em Caratateua a finalização do laboratório contou com a colaboração do DiPreto, a gente subiu em cima do forro da casa pra colocar a panada, e ajudar a bloquear o máximo possível a passagem de luz.

José

Mas, fiquei pensando, dificilmente temos um lugar cotidiano onde não tem entrada de luz, a experiência do breu. Então, penso que o laboratório montado é também uma experiência estética, do corpo, de estar em um espaço que é realmente estranho. Pra quem não frequenta um laboratório, chegar nesse lugar é uma surpresa, uma experiência muito diferente que causa impacto, e de algum modo, as experiências ficam.

Laura



Jorge

Sim, no caso da Vila da Barca a gente usou um outro dispositivo, que era o laboratório móvel, que é uma caixa. É como uma caixa de laboratório pra quem quiser imaginar, é uma caixa com duas entradas de luva, e todo fechado para a luz, dentro ficavam os químicos distribuídos pra revelação e fixação.

Anne

Só pra entender melhor, o laboratório móvel que tu falaste agora, foi a estratégia pra a Vila da Barca, e nos outros dois espaços foi feito um laboratório tradicional no espaço físico?

Jorge

Na verdade, o lab móvel foi a estratégia que a gente pensou pra fazer durante o projeto inteiro, pensando que a gente sairia da Fotoativa, e em vez de montar o laboratório no local, a gente pensou em fazer um laboratório móvel, onde a gente pudesse ficar em baixo de uma árvore, por exemplo.

Jorge

Mas isso não foi tão possível assim. O processo ainda requer muitas experiências, porque o fluxo de manipular dentro de uma caixa que a gente não tá vendo, é muito diferente de estar dentro de um espaço. Ao mesmo tempo estar dentro desse espaço, dependendo do local, é muito quente, então tem que haver uma adaptação, um jogo, né...



#vínculos

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Dairi

Quando a gente encerrou, ficou a pergunta “o que que vocês gostaram, o que vocês querem mais?”, e todos eles diziam que queriam mais fotos, “que vocês viessem mais vezes aqui”. E é esse desejo que fica. Eu lembro que o Cauã começou a pirar “gente, eu vou criar uma pinhole em casa, vocês vão me ajudar, porque dá pra fazer de cano, dá pra fazer de bambu, dá pra pegar uma lata”, então eles já iam de certa forma se apropriando, levando essa experiência e reinventando ela.

Nath

E mostrando uma autonomia. A gente não mora lá, a gente não vai estar lá, então da experiência cresce neles essa visão, e eles tem total autonomia de criar a partir disso.

Laura**Dairi**

E essas fotos da mostra de resultados, que aconteceu com uma ação do MMIB, a gente levou uma caixa obscura grande e eles ficaram pirando com ela e mostrando pros pais. Muitos que participaram da oficina levaram os pais, os primos, os colegas, o irmão que não pode participar da oficina, então foi um momento que eles estavam muito felizes mostrando “olha a foto que eu fiz”. É uma alegria muito grande ver o quanto que isso contagiou. A gente se contagia tanto com a fotografia pinhole, nas práticas na Fotoativa e depois ter essa oportunidade de estar em outro espaço e de perceber que eles se contagiaram com esse encantamento com a luz, foi bem lindo.

Jorge

As crianças com essa câmera enorme na cabeça são incríveis, e isso que tu falaste, essa descoberta, sobre essa magia, os próprios adultos se envolvem e se contagiam e também participam desse jogo, dessa descoberta das coisas.

José

Lá em Caratateua, a mostra final aconteceu dentro do encontro Quintais Eco-poéticos, um evento organizando entre os espaços da ilha, com a Casa Preta, a biblioteca do Tralhoto no Mestre Apolo, mais o pessoal do carimbó, com a Bruna Suellen, o Hugo Caetano, o DiPreto, o professor Alickson, cuja proposta era de agregar e fortalecer os quintais. Quintais que tem frutos, produção de alimento, mas que também são lugares de poesia, de respiro, de encontros. Montamos um fotovarial com as pinholes, um mural de pincéis de luz e a mesinha com pequena vivência de pincel de luz. Tinha feira de produção local e na cultural a Shara Mana Josy, vários poetas, o carimbó da ilha e o boi mirim da Biblioteca do Tralhoto.

Anne

Bacana esse destaque para uma experiência voltada para crianças e adolescentes, mas junto com elas os adultos. Esse diálogo, essa convivência entre pessoas de idades diferentes que configura uma partilha entre amigos, entre familiares, entre pessoas que moram no mesmo bairro, na mesma ilha, todos são parte de um coletivo muito importante.

Laura**Felipe****Nath**

Até porque essa rede, a família, ela aparecia nas atividades, aparecia o cheiro do café da avó, então, essa rede está presente, é importante chamar atenção pra ela.

Felipe**Anne**

E seguimos aprendendo muito.

Anne

Inclusive essa rede, ao ser vista dessa forma, como uma rede, um emaranhado, algo onde todos estão juntos, ajuda a gente a pensar e perceber a importância de cuidar da ilha, de cuidar do meio ambiente, de cuidar das plantas, de cuidar dos animais, cuidar dos resíduos, do lixo, enfim, essa noção, esse conhecimento de si, mas também conhecimento e experiência com o outro, perceber o outro, aí reside uma convivência que seja de troca, na diversidade, mas onde um cuida do outro.



#rodadafinal

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetosculturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

Nath

Eu queria comentar várias coisas aqui, mas vou ser breve, aproveitando a fala da Anne, sobre educar como um processo que surge como pergunta e não como resposta. Acho que de tudo que foi falado, a gente tem sempre que se perguntar qual é a sociedade que a gente quer ajudar a construir, o que a gente quer que ela reflita. Falamos muito de valores de responsabilidade, de afeto, de empatia, de construir uma coletividade que se ampare, de pensar as formas de conhecimento, sobre conhecer as coisas de outra forma.

Nath

A fala da Joyce que traz a relação com a água que aquelas crianças tinham, e que era diferente da relação que eu observei das crianças em Cotijuba. Então, como essa perspectiva mais macro se estrutura em um contexto menor. Entender que somos uma coletividade, e é preciso estimular mais esse valor, do que um olhar individualista que acaba sendo muito preponderante hoje.

Joyce

Fica a questão do pertencimento mesmo, do coletivo, desse todo que existe porque é formado de pouquinhos, pouquinhos e pouquinhos. E a partir do momento que tu tens essa consciência, que fazes parte desse todo, que és um pontinho ali, mas que tu tem uma importância muito grande, porque tu sabes qual é o teu papel, as coisas ficam um pouco mais entendíveis e maleáveis.

Joyce

Por mais que as coisas pareçam estar fechadinhas, cabe a nós levantar perguntas, instigar pra que todo esse saber, todo esse conhecimento, todo esse entendimento de quem eu sou consiga fluir. Às vezes a gente sabe quem a gente é, tem esse conhecimento, mas se não vier o outro pra te instigar, tu estás ali preso. É como uma bolinha de sabão, ela está ali formada, e pá, quando estoura, é toda aquela história que passa a fazer parte do ambiente, ela não está mais ali fechadinha naquela bolha.

Nath

São aqueles reflexos - não sei se foi o Miguel que fez essa analogia - mas quando a gente joga uma pedra na água, ela vai reverberando, é meio que isso, uma coisa pequena que vai tomando uma proporção maior.

Joyce

e a partir daí a gente percebe que faz parte de um coletivo mesmo, e tudo isso é em função de peças pequenas que vão se formando;

Nath

E outra coisa que eu amei da tua fala, é quando tu falas sobre pensar e não reproduzir simplesmente o que vem de fora. Nesse processo de educação a gente acaba entrando em contato com coisas que são alheias a nossa realidade. Por exemplo, quando explicam o que é fruta, apresentam um morango e não uma fruta mais próxima da nossa realidade. Penso que esse contato com coisas que não são da nossa realidade vão ter um impacto mais tarde.

Joyce

Sim, acho que tu tem que entender o teu espaço, aí a gente volta de novo pra questão do pertencimento, tem que te entender, e acreditar que tu podes, dentro do teu espaço, não que tu não possa ir para outros lugares, tu não possas expandir, mas que as coisas podem começar a acontecer a partir dali.

Joyce

Eu sempre falo Nathália, nas minhas oficinas, principalmente para crianças, quando eu vou para as oficinas, não é com o intuito de formar fotógrafos. Acho interessante fazer aquela criança entender que ela é formadora do futuro dela, ela é protagonista da vida dela; se ela consegue entender o espaço dela, construir uma câmera fotográfica que pra ela é aparentemente impossível, porque ela não tem noção de nada. A partir do momento que tu começa a instigar, a encher essas perguntas, dizer que tu podes ser capaz sim, se ela consegue fazer isso, chegar numa imagem que ela fique satisfeita esteticamente, e muita vezes até poeticamente, ela consegue sim, transformar a realidade dela, se ela está insatisfeita com essa realidade.

Joyce

Então, utilizar a fotografia como ferramenta de transformação social, vejo como de extrema importância também, não só fazer com que aquelas crianças saiam dali procurando um curso de fotografia, ou querendo ter um celular ou uma câmera fotográfica porque ela quer fotografar; não, a partir do momento que ela começa a entender que ela é fazedora da vida dela, que ela é fazedora de uma transformação dentro dela, e até mesmo dentro da sociedade que ela vive, que ela pode isso a partir do momento que ela pode fazer aquela fotografia desde todo o início do processo, é muito gratificante e válido. Isso é essencial.

Davi

Dairi

Então gente, só tenho muito a agradecer, fiquei muito contente de participar desde as primeiras reuniões de formação, desde a Vila da Barca, quando eu era estagiária da Fotoativa, poder acompanhar o trabalho da Irene e da Nailana, do Jorge, de toda a equipe, o Felipe que estava junto também. E na segunda etapa, em Cotijuba, que tive a oportunidade de ministrar junto com a Nathália a oficina, da super Nathalia Cohen que foi uma grande articuladora, a Naíse que nos recebeu na casa dela com tanto carinho, tinham vários cachorrinhos maravilhosos na beira da praia.

Dairi

São muitos presentes que esse caminho da educação nos proporciona, mesmo dentro desse contexto social político que a gente vive hoje, encontrar um respiro em projetos como esse, alimenta a nossa alma, então eu só tenho a agradecer que esse momento foi muito lindo. Gratidão a Fotoativa e a todos os colaboradores!

Daniel**Irene**

Eu só tenho a agradecer também. Foi bem legal essa experiência, a troca com a Nailana foi incrível. Durante o processo a gente teve algumas coisas que foram bem difíceis, porque nós fomos as primeiras a fazer esse trabalho. O primeiro sempre traz alguns entraves e no decorrer dos demais a coisa vai ficando mais fluida e melhor. Mas só a agradecer porque a gente teve junto pessoas incríveis nos ajudando, a Dairi, a Patrícia que ficou com a gente, junto com as crianças. Ela disse que não tinha essa experiência, mas a partir disso ela tem uma nova visão do que é trabalhar não só com crianças, mas com adultos também, então foi um trabalho bem lindo, toda a equipe, o Jorge junto foi de mais, essa troca, esse aprendizado e essas várias caixas que foram se abrindo, que é uma outra forma de você trabalhar também essa fotografia.

Irene

Caixas e mais caixas se abrindo, transformando, pra mudar não só quem está ali, mas a gente mesmo, a gente aprende trocando com as pessoas todas juntas. Nada se faz só, isso é fato, que a gente não está nada só, e temos que agradecer por ter pessoas que possam estar junto compartilhando, trocando, e aprendendo sempre. Obrigada, obrigada a Fotoativa por esse momento, e ao Miguel, isso tudo que está rolando é um pouco do reflexo do que ele nos passou. A gente aprendeu muito com ele, eu tive junto de muitos processos, então, a forma que ele trabalha, ele vai com as coisas planejadas, mas sabendo que ao chegar nesse lugar, tudo pode ser diferente, tudo pode mudar, então, a gente tem que estar preparado pra receber isso e pra transformar junto, obrigada!

Joyce

Sempre digo que antes de ser uma colaboradora, uma sócia, eu sou uma fotoativista. Então, ser convidada pra essas práticas da associação, penso que é um reconhecimento que estou fazendo pelo menos um pouco daquilo que aprendi, que venho aprendendo todo esse tempo na Fotoativa. E quero agradecer muito pela confiança no meu trabalho.

José

Também queria agradecer a Fotoativa, que é essa casa que nos acolhe, na qual a gente também aprende muito e começa a desenvolver nossas atividades. Hoje é um dia muito especial, é aniversário do Miguel, e não é todo dia que a gente faz 70 anos luz. Sinto ele muito presente aqui, atravessando esses momentos todos, com práticas e técnicas que ele um dia aprendeu, transformou e vem compartilhando. Também quero agradecer à Ana e ao DiPreto que foram as pessoas que nos receberam, nos acolheram e nos deixaram à vontade para conduzir as atividades na Casa Preta, e também ao professor Alickson que esteve junto, assim como o mestre Apolo, que nos acolheu na Biblioteca do Tralhoto, na atividade final. Um salve geral à Caratateua.

Irene

Só falando que essas duas pessoas que a Anne citou no início, Yvana e Raphíssima, foram pessoas que souberam desenhar esse projeto de uma forma bastante sensível, e partindo justamente dos processos que compõe a Fotoativa, do que é isso tudo. Então agradecer essas duas pessoas também, e não só elas, mas todo um coletivo que vem junto.

Anne

É um contínuo né Irene, um contínuo que vem desde o projeto Olho D'água que aconteceu em Colares, todas as aulas que a gente teve, todo mundo aqui teve alguma experiência na Ilha do Combu com o Miguel e com outrxs fotogrâfxs fotoativistas ou não, os projetos no Ver O Peso. É sempre uma tentativa de fazer esse resgate das nossas águas, essas águas amazônidas, as águas dentro de nós, cada um tem uma história com esse lugar, e é importante que a gente através da fotografia, que é essa linguagem que a gente está convivendo e aprendendo com ela, que nos possibilite esse encontro. Encontro com nossas águas profundas, sentimentos, percepções, nosso conhecimento e nossas ignorâncias.

Anne

E tem também essa ideia do nomadismo. Estando fora, estando no corpo, nesse espaço, como estando em vários níveis de presença, seja na região das ilhas, seja no Porto do Sal, na Vila da Barca, em Icoaraci, seja nas memórias que a gente tem de infância. Esses deslocamentos, essa desterritorialização, não acontece somente quando a gente vai pra um lugar, estamos em movimento no campo do sensível o tempo todo, acho que esse é o convite que o projeto fez; e a gente continua! Gostaria de agradecer a cada uma de vocês! Muito obrigada por esse momento tão especial, essa conversa onde mais uma vez aprendemos muito uns com os outros!



#projetos culturais

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodas águas

#câmera obscura

#laboratório

#oficinade fotografia

#partilha

#vínculos

#otempode chegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetos culturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

#elaboração de projetos

A ideia de propor essa oficina de elaboração de projetos culturais no projeto Fotoativa no Tempo das Águas vem de uma vasta experiência da Associação Fotoativa, enquanto instituição cultural, com a criação, elaboração e desenvolvimento de projetos aprovados e articulados em nível municipal, estadual, nacional e internacional.

Essa prática que vem sendo consolidada ao longo desses 36 anos como forma de realizar nossas atividades, sonhos e também como resistência, mantendo o casarão, equipamentos e a equipe.

A partir da compreensão da importância de acessar as políticas públicas para realização de projetos culturais, a proposta dessa oficina no projeto Fotoativa no Tempo das Águas foi também de estruturar e compartilhar esse conhecimento, ampliando nossa experiência nessa área a partir da troca com outras realidades, ideias, coletivos e projetos.



Oficina de Elaboração de Projetos Culturais na Fotoativa com Camila Fialho. Foto: Flávia Cortez

Para esta publicação, o conteúdo sobre a oficina de elaboração de projetos foi pensado junto com as ministrantes Camila Fialho e Luciana Medeiros com dois objetivos: de ser um **GUIA** com dicas para agentes comunitários e demais interessados que queiram começar a estruturar um projeto cultural para sua comunidade ou coletivo, e assim manter o intuito de compartilhar esse conhecimento.

E também com o objetivo de trazer a **MEMÓRIA** das oficinas realizadas pelo projeto com depoimentos de participantes, registros fotográficos e exemplos a partir do que foi construído das experiências na Associação de Moradores da Vila da Barca, Associação Fotoativa, Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB – Ilha de Cotijuba, e Espaço Cultural Casa Preta, Ilha de Caratateua.

galeria de imagens da oficina de elaboração de projetos culturais



Oficina na Associação de Moradores da Vila da Barca (Junho 2019). Fotos: Felipe Mendonça



Oficina na Associação Fotoativa (3 a 5 de Outubro). Fotos: Manu Lopes



Oficina na sede do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB – Ilha de Cotijuba (25 a 28 de Novembro de 2019). Foto: Manu Lopes



Oficina no espaço cultural Casa Preta, Ilha de Caratateua (14 a 17 de Janeiro de 2020). Fotos: Laura Castro

Mas o que é um PROJETO CULTURAL?

Antes de tudo, é um instrumento estratégico de produção e comunicação, que deve apresentar um conjunto de atividades programadas para acontecer num determinado período de tempo, com objetivos precisos, estratégias consistentes e indicadores coerentes para avaliar os resultados alcançados.

Todas essas informações são necessárias para a compreensão da proposta do projeto e seu planejamento: o que se pretende fazer, como será feito, quanto custará, a quem se destinará, qual a equipe e quando acontecerá.

Eu considero a produção cultural uma máquina de produzir sonhos, fazer com que eles se realizem.

Luciana Medeiros

Nessa oficina a gente entendeu que elaborar um projeto não é só ter uma ideia, mas também ter um planejamento e estruturar para colocar em prática.

Karolinne Rodrigues e
Rayanne Soura

Vamos começar a elaborar um projeto cultural?
A primeira pergunta que você deve se fazer é:

Qual a minha ideia de projeto?

Numa folha de papel em branco, lance a
IDEIA DO PROJETO
ao centro.

Ao redor liste todas as coisas de que você vai precisar para tirá-la do papel. **Tente pensar em tudo o que precisa pra fazer essa ideia.** Que outras palavras estão associadas a essa ideia? Que áreas, atividades, pessoas, lugares, ações?

POR QUE?

O QUE PRECISA?

QUAL MEU OBJETIVO?

IDEIA DO PROJETO

COMO MONTA TUDO?

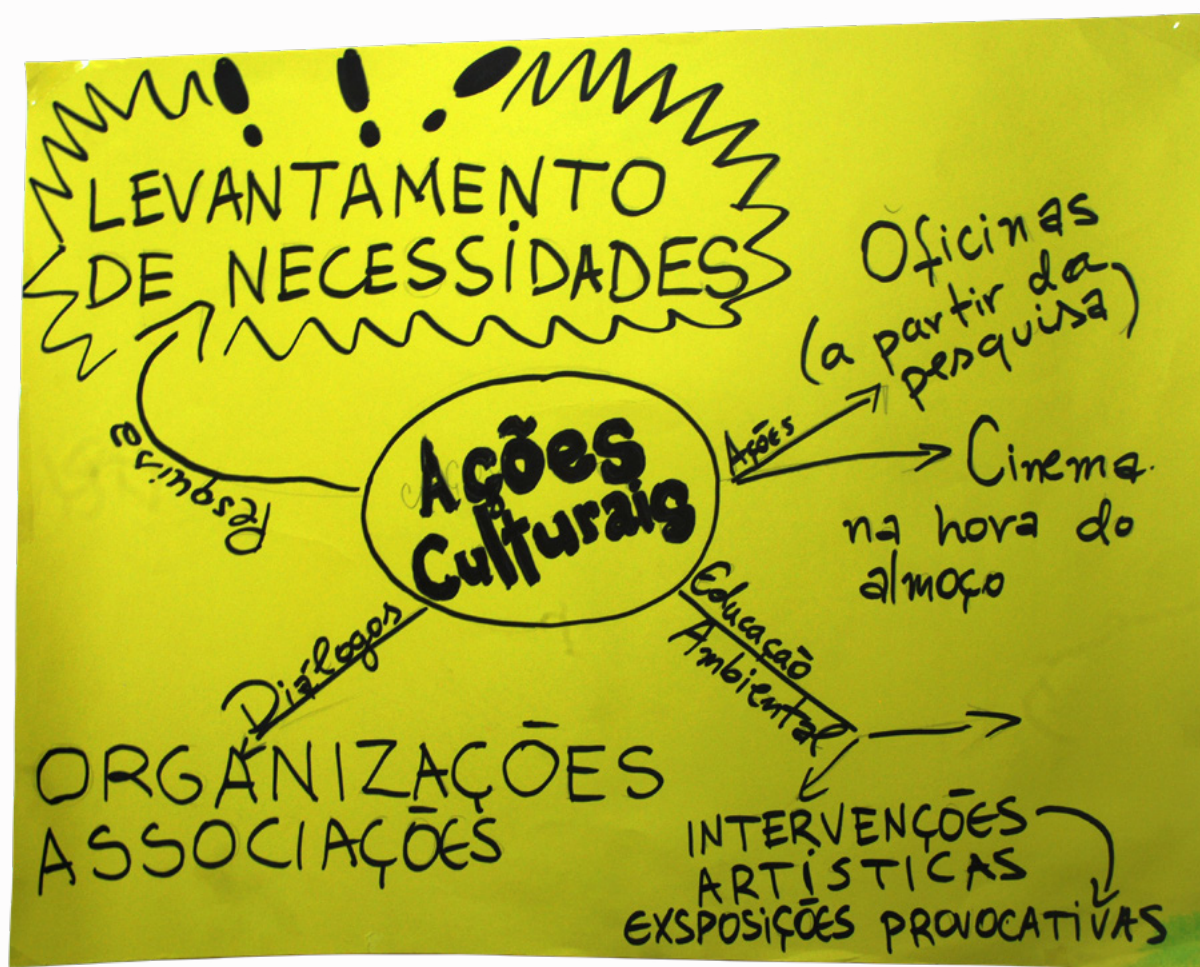
QUEM FAZ O QUE?

EM QUANTO TEMPO?

QUAIS OS CUSTOS?

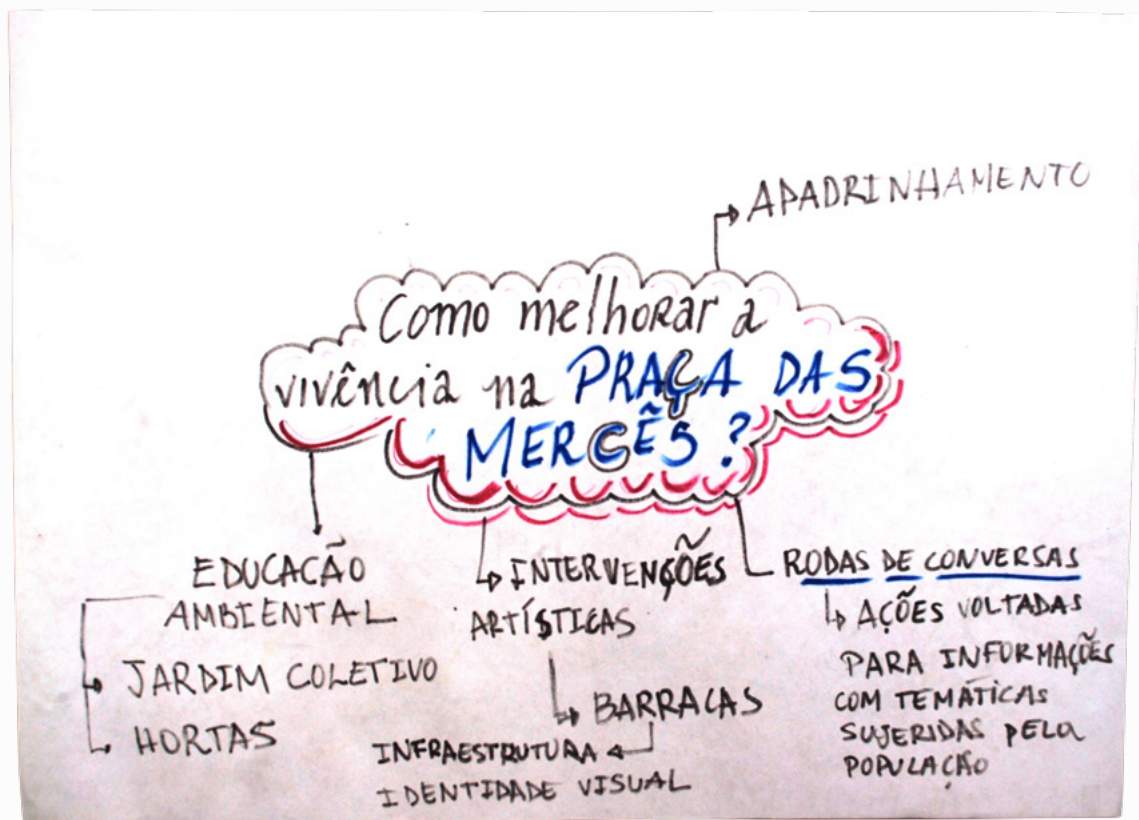
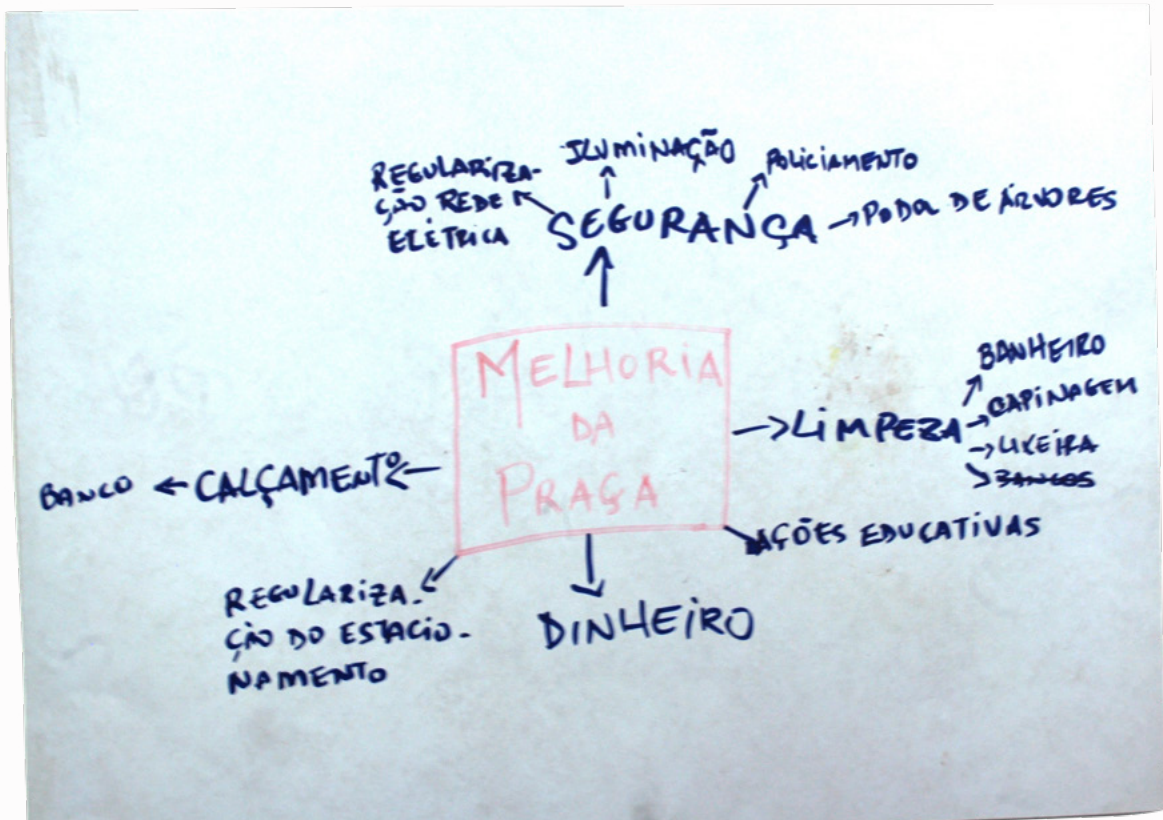


Abaixo estão os mapas mentais feitos durante a oficina na Fotoativa. A partir da ideia principal de fazer um projeto para a Praça das Mercês, no centro histórico de Belém, cada grupo abordou uma proposta coletiva. Por exemplo, um grupo pensou num projeto de melhoria da praça, enquanto outro grupo focou em como fazer uma ação cultural.



Observe que para cada elemento ao redor da sua ideia central, podem ser feitos novos mapas. Este processo ajuda a dimensionar a amplitude e a complexidade do seu projeto. Por exemplo. Quais as formas possíveis para levantar as necessidades? Conversa com os públicos que utilizam a praça? Observação do dia a dia? Para as atividades de educação ambiental, como construo um novo mapa para projetar as exposições provocativas? Ou para estruturar o programa de cinema na hora do almoço, qual a infraestrutura necessárias? Quais as autorizações precisam ser encaminhadas? Quem serão os responsáveis por cada área?

Exemplos de grupos que esboçaram mapas referentes às melhorias da praça:



_ Mapa mental do seu contexto

Depois de entender melhor a ideia, vamos pesquisar o contexto (história, cultura, tradições, pessoas, coletivos, singularidades, geografia, necessidades, serviços) em que está inserida. É importante conhecê-lo bem para estruturar e planejar o desenvolvimento de sua ideia que irá se transformar em um projeto.

Em outra folha escreva no centro: ONDE você está?

Identifique quais ações já existem; quais pessoas/ entidades/coletivos realizam outras ações; identifique quem são seus parceiros potenciais e pessoas que podem contribuir para a realização de sua ação.

OUTRAS AÇÕES SEMELHANTES?

,

PESSOAS

ONDE

ENTIDADES

COLABORADORES

COLETIVOS

PARCEIROS POTENCIAIS

Agora vamos estruturar essa ideia! Check-list dos itens básicos de um projeto:

- () Apresentação;
- () Justificativa;
- () Objetivos
- () Metas;
- () Público-alvo;
- () Etapas de produção;
- () Equipe;
- () Cronograma de atividades;
- () Orçamento;
- () Plano de divulgação
- () Plano de distribuição;
- () Prestação de contas.

Diferenças entre apresentação e justificativa:

1. O quê eu desejo realizar?
2. Por que eu desejo fazer este projeto?

Apresentação

É a síntese do projeto. Você vai descrever tudo o que vai desenvolver. **Não precisa detalhar.**

Descreva como nasceu a ideia, qual é o resultado esperado, tempo de duração. O que será realizado? A quem será destinado o produto gerado e com quem você irá realizar.

#Proposição

A partir da sua ideia central, exercite a escrita - de forma clara e objetiva - da apresentação e da justificativa do seu projeto, em no máximo 20 linhas (cada).

Releia o resultado com as perguntas acima e tente melhorar, fazendo uma segunda versão do texto.

Justificativa

Na justificativa apresente os **motivos** pelos quais pretende realizar o projeto e **o que o torna culturalmente relevante para a sociedade**. Use argumentos sólidos, que convença os leitores da importância do seu projeto. Podemos falar do mérito e do diferencial, originalidade e ineditismo do produto, relevância cultural, desdobramentos futuros etc.

- qual a relevância de sua iniciativa? por que ela é importante?
- qual contribuição para a cena e/ou o lugar onde será desenvolvida a ação?
- onde ela se situa com relação aos demais projetos e/ou iniciativas desenvolvidas na região?
- o que ela tem diferente que as outras não tem?

Diferença entre objetivo geral e específico:

O **objetivo geral** descreve, de forma sucinta, o que será realizado e o resultado esperado com a conclusão do projeto.

- Onde você quer chegar com seu projeto?
- O que você deseja alcançar com o seu desenvolvimento?

Podemos aqui também informar o público beneficiado, o local onde o projeto será realizado e o impacto dele na sociedade. É a ação cultural proposta ou o objetivo do projeto – um produto, serviço, atividade cultural, etc.

Os **objetivos específicos** são aqueles (como pequenos passos) que vão permitir você alcançar o objetivo geral. São benefícios e resultados esperados com a realização do projeto.

Metas

Metas são as ações quantificáveis e necessárias para realizar o objetivo do projeto. Podem indicar a quantidade de pessoas beneficiadas, número de cidades envolvidas, ou de sessões/ apresentações que serão realizadas, a quantidade de filmes exibidos, o número de cursos ministrados.

Aqui você deve pensar | apresentar o projeto em números

- quantas ações ?
- quantas pessoas envolvidas ?
- quantas cidades | bairros | comunidades | escolas o seu projeto envolve?

Público

Agora que você já sabe onde está e conhece todas as coisas que orbitam a sua ideia, hora de identificar o público que será envolvido pela ideia que você irá desenvolver

Quem são as pessoas que devem participar das ações que serão desenvolvidas pelo seu projeto?

Crianças? adolescentes? adultos? idosos? qual faixa etária?

De onde são essas pessoas? qual bairro? qual comunidade?

Pré-produção | preparação

Aqui você deve mapear tudo o que você precisa alinhar para que o seu projeto aconteça: reuniões de equipe; contratação das pessoas que vão trabalhar em seu projeto; contato com apoiadores, parceiros e patrocinadores; contato com fornecedores e cotação de preços; confirmação da agenda das atividades a serem desenvolvidas; confirmação do local onde será realizada a ação; obtenção de autorizações (quando necessário); elaboração de peças gráficas; preparação de textos e materiais de divulgação.

Pós-produção | organização dos resultados

Depois de realizado o evento | a atividade, organize os materiais que comprovem a sua realização: **clippagem de material** (organize as matérias que saíram no jornal, no rádio, na televisão); **relatório** (descreva o que aconteceu e anexe fotografias do que foi realizado), **prestação de contas** (reúna todas as notas e gastos que você teve ao longo da execução do projeto).

Produção | execução

Nesta etapa, as energias estão todas focadas na execução do projeto em si e na ampla divulgação do que irá acontecer.

A equipe é mobilizada para a construção do evento | da atividade que será realizada, todos estão em movimento preparando a chegada do “grande(s) dia(s)”, o dia em que tudo acontece e o público chega.

Identifique todas as ações que devem ser realizadas para que o “grande dia” aconteça e público apareça! Não esqueça de garantir boas fotos do evento!

Equipe

A etapa de formação da equipe é muito importante. Cada projeto tem suas necessidades.

Pense em quais são os profissionais o seu projeto precisa para alcançar seus objetivos. Identifique todas as funções e busque os profissionais e as competências necessárias.

Num projeto cultural é importante que você já apresente a equipe principal. Ou seja, quem são as pessoas fundamentais para que o projeto aconteça.

Peça mini currículos e carta de anuência a elas, para que sejam anexadas ao projeto. Quem for avaliar o seu projeto vai querer saber se as pessoas da equipe principal são de fato competentes para realizar o projeto.

Cronograma

Agora que você já sabe todas as ações que precisam ser feitas para que seu projeto aconteça, organize isso em uma linha do tempo, em meses e/ou semanas. Quanto tempo você precisa para realizar cada uma das etapas do seu projeto?

Orçamento

É o plano financeiro no qual serão apresentadas todas as despesas necessárias para que o nosso projeto seja realizado.

Para começar o orçamento, primeiro liste todos os profissionais e serviços, além de materiais que serão necessários para a realização do seu projeto.

O orçamento deverá ter uma estrutura lógica e ser coerente com as necessidades do projeto e com os valores de mercado.

Peça propostas de orçamento aos profissionais envolvidos, assim será menor o risco de erros na execução do projeto.

Caso ainda não esteja definida a equipe, o ideal é lançarmos mão de uma boa pesquisa de preços para buscar valores de mercado.

Plano de divulgação / Comunicação

A área da comunicação de um projeto deve ser pensada de forma cuidadosa e estratégica. É onde você vai apresentar ao possível patrocinador as contrapartidas de imagem para a empresa dele, além de outras ações de divulgação a fim de agregar público e trazer maior visibilidade ao projeto e, por consequência, à marca do patrocinador e de todos os demais tipos de apoios, cultural, institucional, parcerias.

É preciso planejar:

Assessoria de imprensa – Jornais, TVs, Rádios, Sites, blogs. **Gestão de redes Sociais** – Facebook, Twitter, Youtube, Instagram etc. **Materiais gráficos** – Cartazes, filipetas, programas, banner. Anúncios on-line, em jornal, busdoor, outdoor, spot de rádio, mobiliário urbano, taxi door.

Uma equipe de Comunicação deve contar com ao menos um **jornalista** para fazer a assessoria de imprensa, um **designer** para a criação de peças gráficas e digitais e um **social media** para a difusão do projeto nas redes sociais. É importante orçar um **fotógrafo** e **registros em audiovisual** de acordo com a necessidade de cada projeto.

Dependendo também de cada projeto, há necessidade de um **Coordenador de Comunicação** e um **Coordenador de Redes Sociais**. Mas na hora de orçar a equipe e os custos de produção da mesma, fique atento ao que os editais dizem a respeito dos gastos previstos com itens de divulgação. Na Lei Rouanet, por exemplo, estes não podem ultrapassar 20% do total do orçamento do projeto.

É muito importante a presença de profissionais com expertise na área. O que eles vão produzir para tornar realidade esta comunicação, terá como resultado um outro item valioso tanto na prestação de contas quanto para o portfólio do projeto: o clipping de notícias.

Portfólio

O portfólio é um instrumento visual e informativo de apresentação do trabalho do artista ou da trajetória de um projeto.

Pode conter release, fotos, notícias de jornal, certificados, cartazes, capas de discos, print de ficha técnica de filmes, convites, links. É um currículo ilustrado, mais bem elaborado, com textos mais curtos. Você pode formatar em PDF ou deixa-lo em um link.

Cada um de nós pode fazer o seu da maneira que achar melhor, não tem uma fórmula. Ele é uma seleção dos seus melhores trabalhos e funciona como uma amostragem de suas realizações e capacidades.



#quemfazoquê?

#fotoativa

#percepção

#pertencimento

#notempodaságuas

#câmeraobscura

#laboratório

#oficinadefotografia

#partilha

#vínculos

#otempodechegada

#pinceldeluz

#rodadafinal

#desenho

#identidade

#projetos culturais

#vizinhança

#pinhole

#quemfazoquê

projeto

Fotoativa no Tempo das Águas

coordenação

Camila Fialho
Jorge Ramos
Nathália Cohén

produção

Dairi Paixão
Laura Castro
Paula Vanessa
Raphael da Luz

comunicação

Flávia Cortez
Manu Lopes

live

Práticas educativas no projeto Fotoativa no Tempo das Águas

mediação

Anne Dias
Jorge Ramos

participantes

Dairi Paixão
Irene Almeida
José Viana
Joyce Nabiça
Nathália Almeida

live

Ações culturais: práticas transformadoras

mediação

Flávia Cortez

participantes

Andrea Rocha
Camila Fialho
Inêz Medeiros
Karoline Corrêa
Luciana Medeiros
Rayane Souza
Rose de Sousa

Vila da Barca

com

Associação
Moradores da Vila da Barca

articulação local

Inêz Medeiros

produção

Jorge Ramos

oficina fotografia

Irene Almeida
Nailana Thiely

assistentes

Dairi Paixão
Patrícia Costa

oficina de projetos culturais

Luciana Medeiros

registro

Felipe Mendonça

Ilha de Cotijuba

com

Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém

articulação local

Naiza Santos

produção

Nathália Cohen

oficina fotografia

Dairi Paixão
Nathália Almeida

assistentes

Flávia Cortez
Raphael da Luz

oficina de projetos culturais

Camila Fialho

registro

Manu Lopes
Laura Castro

Ilha de Caratateua

com

Coletivo Casa Preta

articulação local

Ana dos Santos
DiPreto

produção

Nathália Cohen

oficina fotografia

José Viana
Joyce Nabiça

assistentes

Flávia Cortez
Raquel Gandra

oficina de projetos culturais

Luciana Medeiros

registro

Manu Lopes
Laura Castro



Fotoativa no Tempo das Águas é uma realização da Associação Fotoativa contemplado no edital de chamamento Público para seleção de projetos culturais de relevância social para o município de Belém - nº 004/2018 - através do programa Pacto pela paz, Prefeitura de Belém, FUMBEL.

Suas ações aconteceram graças a parceria da Associação de Moradores da Vila da Barca, na Vila da Barca; Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém - MMIB, em Cotijuba; e do Coletivo Casa Preta, na Ilha de Caratateua.



Patrocínio:

Realização:

